

GARBO TALKS / 1984

Um filme de SIDNEY LUMET

Realização: Sidney Lumet / **Argumento Original:** Larry Gursin / **Fotografia:** Andrzej Bartkowiak / **Montagem:** Andrew Mondshein / **Direção Artística:** Philip Rosenberg / **Música Original:** Cy Coleman / **Intérpretes:** Ron Silver (Gillbert Rolfe); Anne Bancroft (Estelle Rolfe); Carrie Fisher (Lise Rolfe); Catherine Hicks (Jane Mortimer); Steven Hill (Walter Rolfe); Howard da Silva (Angelo Dokakis), Harvey Fierstein (Bernie); Hermione Gingold (Elizabeth Renning); etc.

Produção: Burt Harris, Elliott Kastner para a United Artists / Cópia da Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema em 35mm, colorida, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 103 minutos / **Estreia Mundial:** Estados Unidos, 12 de Outubro de 1984 / **Inédito comercialmente em Portugal.**

Ao contrário da maioria dos realizadores americanos da sua geração, a carreira de Sidney Lumet não sofreu qualquer abrandamento a partir do segunda metade da década de 70, com a chegada à ribalta da indústria dos Spielbergs, Lucas, Coppolas e afins. Antes pelo contrário, terá tido até um incremento na década de 80, em que realizou onze longas-metragens, entre as quais se destacam títulos como **The Verdict**, **Running on Empty** ou **Morning After** que estão entre os maiores êxitos deste cineasta junto do público e/ou da crítica.

Mas uma das características da carreira de Sidney Lumet, para além da sua versatilidade e inconstância (é capaz do melhor, do menos bom ou do “assim-assim”), é a alternância entre projectos de grande orçamento e grande impacto mediático, com filmes de produção comparativamente insignificante. Sendo que a relação custo / qualidade é totalmente arbitrária: Lumet fez óptimos filmes e filmes medíocres quer com muito quer com pouco dinheiro.

Garbo Talks, como por exemplo **Running on Empty**, pertence à categoria dos filmes *low budget*.. Mas, ao contrário deste, nunca se tornou num *cult movie*, nunca despertou grandes paixões nem nunca mereceu grande atenção pela parte da crítica (é dos poucos filmes de Lumet que nunca teve exibição comercial em Portugal) e ao qual nunca foi dado grande importância.

Trata-se de uma história sentimental, simples, em registo de comédia ligeira, sem pretender ser mais do que isso, mas da qual Lumet faz um filme extremamente comovente que, sem ser piegas, é despretensioso e original. E isto, não é dizer pouco, porque, como se sabe, não há nada mais difícil do que fazer uma obra simples.

Garbo Talks é sobretudo uma lindíssima homenagem a duas grandes atrizes: Greta Garbo, obviamente, mas também Anne Bancroft, que tem neste filme um dos melhores e mais bem conseguidos papéis da sua carreira. O monólogo do plano sequência final em

que contracena com a suposta Garbo é o exemplo mais evidente, mas tudo o que faz, começando na própria construção e caracterização da personagem, é sublime. E a sequência com os operários, ou a sequência em que sabe que tem um tumor fatal (I don't believe in miracles) são apenas dois dos vários exemplos de situações que contêm todos os ingredientes para que uma cena descambe ou para o ridículo ou para a lamechice e em que Bancroft é absolutamente perfeita (mérito também de Lumet).

Daí que uma das críticas apontadas ao filme é o facto de Bancroft aparecer tão pouco, e que a procura / perseguição a Garbo por parte do seu filho (interpretado por Ron Silver, um actor com pouco ou nenhum carisma, e portanto certíssimo para a personagem) ocupe tanto tempo no filme. Ora acontece que toda a razão de ser do filme, e é precisamente isso que o torna “especial” é essa busca por Garbo. A vontade de um filho, que se sobrepõe a tudo o resto – naquele momento da sua existência – de satisfazer o último desejo – absurdo e despropositado – da mãe que está às portas da morte.

E as três personagens – e respectivos actores – que o ajudam nessa busca: o fotógrafo (Howard da Silva no seu último papel no cinema); o gay e a velha figurante (fantástica a ideia do gag da mensagem no atendedor de chamadas), evitam repetição ou o arrastamento penoso da acção, trazendo cada um deles algo de humano ao filme.

Este filme é um dos melhores exemplos para se apreciar a grande virtude de Lumet: a ligeireza e a descrição da mise-en-scène (a câmara é tão imperceptível quanto possível) sempre pensada para realçar e valorizar os actores (e a personagens).

Finalmente Greta Garbo.

Quando este filme foi realizado, em 1984, Garbo ainda era viva.

Teria sido uma outra coisa, se ela tivesse aceite interpretar o seu próprio papel (reza a lenda que ainda teria hesitado), mas mesmo sem ser a própria, e sempre vista do costas, a sua presença é, estranhamente real, verosímil, fazendo inteiramente jus à lenda que girava à volta da Grande Diva.

O filme começa com imagens da morte de Garbo em Camille e acaba com a sua voz (só na última cena ouvimos Garbo falar)

Pelo meio um excerto de Ninotchka.

É bonito.

João Pedro Bénard